

## O CAMINHO DA ARTE NO PROCESSO DE RECONHECIMENTO DO EU: RACISMO ONTEM E HOJE

### THE WAY OF ART IN THE PROCESS IN SELF-RECOGNITION: RACISM ONTEN AND TODAY

Keila Ferreira Cardoso Costa Silva  
Instituto Tocantinense de Ensino Superior e Pesquisa (ITOP)  
keila.cardos@gmail.com

Adriano Batista Castorino  
Universidade Federal do Tocantins  
adrianocastorino@mail.uft.edu.br

*Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a obra "Os tambores de São Luís, de Josué Montello" traçando um paralelo entre os fatos narrados e a atualidade, tendo como parâmetro o sistema social, político e escravocrata da época. Trata-se de uma pesquisa de ordem bibliográfica, retratando um período marcado por lutas contra a escravidão e o preconceito em uma sociedade racista e opressora que se caracterizava por um sistema de relações em que os brancos exerciam o poder sobre os negros. Observou-se na obra de Montello alguns registros idênticos ao da realidade atual. Comprovou-se que desde a abolição da escravatura, pouco mudou em relação à situação do negro na sociedade.*

*Palavras-chave: Resistência; Preconceito racial; Abolição; Escravatura.*

*Abstract: The present article aims to analyze the work, "The Drums of São Luís, by Josué Montello" drawing a parallel between the facts narrated in the book with the present, having as a parameter the social, political and slave system of the time. It is a bibliographical research, portraying a period marked by struggles against slavery and prejudice in a racist and oppressive society characterized by a system of relations in which whites exercised power over blacks. Some of the records of Montello's work were identical to those of present-day reality. It has been proven that since the abolition of slavery, little has changed in relation to the situation of the black in society.*

*Keywords: Resistance; Racial prejudice; Abolition; Slavery.*

### Introdução

A escolha deste tema, preconceito racial, não foi somente por gostar do assunto ou por considerá-lo atual. Antes de começar esta pesquisa, resolvi primeiro fazer uma autoanálise, observando quais os meus conceitos, atitudes e valores em relação as pessoas negras. Fazer essa reflexão foi a possibilidade de encontrar elementos que posteriormente provocaram impactos que nem imaginava sentir e isso tomou uma dimensão maior ainda quando comecei a ler o livro "Os tambores de São Luís".

Nasci e sempre fui tratada como se fosse branca, assim todos os traços de uma descendência africana foram sendo apagados, como no caso do cabelo que desde a adolescência era alisado. O meu pai é filho de negros, porém não os conheci. Cresci ouvindo frases como: Não faz serviço de preto, se não alisar o cabelo não chega perto de mim na escola (frase dita inúmeras vezes por meu irmão). Estas informações chegavam carregadas de emoções e sentimentos que só pude entender na vida adulta, pois o que recebi na infância marca os meus pensamentos e comportamentos até a idade adulta. Estamos tão acostumados com essa cultura racista do branqueamento que não percebemos quando temos a nossa verdadeira identidade violada quase que diariamente e por pessoas tão próximas. Ela é mais presente em nossas vidas do que podemos imaginar e acaba reforçando o preconceito. E é na infância que o racismo começa a ganhar significado e gerar atitudes e ações, uma vez que é no ambiente familiar que os primeiros valores e conceitos são formados.

Somente quando entrei na faculdade é que pude perceber quem eu realmente sou. O desconhecimento e as pressões sociais fecham nossos olhos e rouba nossa identidade. Por isso, mais do que nunca, entendo o quanto é importante a questão da formação do professor, já que ele transmite não só os conteúdos propostos, mas sim o que vive, como vive, enfim a sua visão de mundo. O curso superior trouxe a formação de pedagoga, e com ela devido a presença de alguns professores, a possibilidade de ver o mundo com os olhos de quem somos. Da mesma forma que

me foi dada essa oportunidade, também quero que os meus futuros alunos recebam também.

O livro, “Os tambores de São Luís”, mostrou-me o quanto nosso país carece de uma mudança e que compete também ao professor educador empenhar-se em fazer florescer as sementes plantadas por muitos que derramaram seu próprio sangue e sacrificaram suas vidas. Enquanto não temos conhecimento sobre o quanto o preconceito racial está ainda arraigado em nossa nação, nos tornamos participantes da ideia do mito da igualdade racial, que o racismo praticamente não existe em nosso país e isso trava o profissional da educação para que ele não reconheça que precisamos de uma transformação e o faz cooperador da política de opressão racial em que vivemos.

Essa mudança que queremos deve começar em nós, em romper com o sistema que insiste com uma educação baseada no eurocentrismo e em um discurso racista em sala de aula, que até parece que já foi decorado pelo professor em frases como: para Deus somos todos iguais. Ou seja, somos todos iguais somente para Deus? Como se esse pobre argumento fosse suficiente para combater o preconceito racial.

Optei por esse tema referente ao livro devido a consciência do quanto o preconceito racial está presente em nossa sociedade e em especial no ambiente escolar. Preconceito e racismo são assuntos importantes e que não podem ser ignorados para quem deseja trabalhar na educação já que a falta de preparo dos educadores, que é o reflexo do mito da democracia racial, compromete bastante o trabalho destes profissionais em sala de aula. Enquanto estudante de pedagogia e futura pedagoga, sei que é de fundamental importância o professor atuar na construção da identidade dos alunos através de uma relação dialógica pautada no respeito a diversidade.

Trata-se de uma ficção, mas que possui todos os elementos verídicos da história do estado do Maranhão e de sua capital, São Luís: o cotidiano dos escravos, a sociedade aristocrata, a cultura negra, etc. Não é apenas um grande romance, mas uma verdadeira aula de história cujo passado precisa ser relembrado sempre, uma vez que fazemos parte dele. Alguns personagens do livro realmente existiram, como por exemplo, Donana Jansem e Joaquim Nabuco. A fala dos personagens traduz, de forma fidedigna, a proximidade da ficção com a realidade: “Antão é tu, Damião? E sozinho na estrada? Nunca ouvi falá de ocês. Tá tudo vivo?” (p.45).

Durante a disciplina Educação das Relações Étnico Raciais foi que passei a ter consciência da importância de ter conhecimento sobre o assunto e o quanto o professor é peça fundamental no processo de luta contra a discriminação racial fazendo da sala de aula um terreno fértil para o desenvolvimento de pessoas éticas e livres de preconceitos.

Eu, que particularmente tinha uma impressão equivocada sobre essa questão de raça e preconceito e posso dizer que era algo bem distorcido, tanto que acreditava que realmente vivíamos uma democracia racial, pude enxergar o que realmente sou: Uma mulher Negra. É como se uma janela se abrisse e eu me deparasse com um novo horizonte, uma nova visão.

Para que eu pudesse entrar de corpo e alma nesta pesquisa, fiz um percurso orientado, no qual a primeira parte foi feita a partir de uma imersão na cultura negra, sobretudo esta que está sendo feita na contemporaneidade. Conheci alguns filmes, como *O Quilombo* (1984), de Cacá Diegues; *Doze anos de escravidão* (2014), de Steve McQueen; *Django livre* (2013), de Quentin Tarantino. Esses filmes trouxeram o entendimento de como a luta do personagem que analiso em “Os Tambores de São Luís” é ainda mais complexa. A função dos filmes foi de provocar as sensações que as imagens, a música e as falas trouxeram para o meu entendimento sobre o que é ser negro e como esta condição dada pelo outro determina todas as relações que são estabelecidas entre as pessoas.

Além disso, li e ouvi algumas músicas do grupo de Rap, Racionais MC's. Esse grupo de Rap foi escolhido porque é um dos grupos de música feita no Brasil com mais densidade na crítica social. Suas letras, isto é, seus versos, denunciam a condição a que vivem os negros nas periferias das grandes cidades. Aqui transcrevo um trecho da letra da música *Negro Drama*:

Entre o sucesso e a lama/Dinheiro, problemas/Inveja, luxo,  
fama/  
Negro drama/Cabelo crespo/E a pele escura/A ferida, a chaga  
À procura da cura/Negro drama/Tenta ver/E não vê nada/  
A não ser uma estrela/Longe, meio ofuscada/Sente o drama  
O preço, a cobrança/No amor, no ódio/A insana vingança

Negro drama/Eu sei quem trama/E quem tá comigo/  
O trauma que eu carrego/Pra não ser mais um preto fodido/  
O drama da cadeia e favela/Túmulo, sangue  
Sirene, choros e vela/Passageiro do Brasil/São Paulo  
Agonia que sobrevivem/Em meia às honras e covardias  
Periferias, vielas e cortiços/Você deve tá pensando  
O que você tem a ver com isso/Desde o início/Por ouro e prata  
Olha quem morre/Então veja você quem mata/Recebe o  
mérito, a farda  
Que pratica o mal/Me ver/Pobre, preso ou morto/Já é cultural  
Histórias, registros/Escritos/Não é conto/Nem fábula/Lenda  
ou mito  
Não foi sempre dito/Que preto não tem vez. (RACIONAIS  
MC'S, 2001).

Esses versos, de alguma forma, foram também me preparando para que meu entendimento desse tema fosse maior. Eu queria uma leitura do livro que aqui analiso feita como se pudesse estar representada tanto nas palavras que escrevo quanto nos sentimentos que são escritos. Quando lia o livro, ouvia as músicas, pensava nas aulas que tive sobre os assuntos da cultura africana. Pensava na minha história.

O texto presta-se a uma análise histórica observando principalmente a cultura preconceituosa da época. Este trabalho pode ser considerado uma pesquisa de ordem bibliográfica, mas também não posso deixar de dizer que um trabalho bibliográfico é antes de tudo também feito de paixão e entrega. A pesquisa, as leituras, as anotações me fizeram também abrir os olhos.

É bastante visível no livro, o empenho do autor em resgatar a história dos negros, partindo da escravidão até a abolição, porém partindo de outra ótica, ou seja, que não é a do dominador. A obra *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello, romance publicado em 1975, é narrada em 68 capítulos, justamente quando a sociedade de São Luís passa por um momento de profundas mudanças econômicas e sociais.

Outros dois autores me ajudaram a compreender o racismo de forma mais acadêmica. Kabengele Munanga foi um autor que li nas aulas da faculdade. Para este autor, “o mito (da democracia racial) já faz parte da educação do brasileiro. E esse mito, apesar de desmistificado pela ciência, a inércia dele ainda é forte e qualquer brasileiro se vê através desse mito. Se você pegar um brasileiro até em flagrante em um comportamento racista e preconceituoso, ele nega. É capaz dele dizer que o problema está na cabeça da vítima que é complexada, e ele não é racista. Isso tem a ver com as características históricas que o nosso racismo assumiu, um racismo que se constrói pela negação do próprio racismo” (MUNANGA, 2016).

Um outro autor lido foi Roberto DaMatta. “O patrão, num sistema escravocrata, é mais que um explorador de trabalho, sendo dono e até mesmo responsável moral pelo escravo. Essas relações são complicadas e, dizem os especialistas, muito difíceis de serem mantidas em nível produtivo. Pois aqui a relação vai do econômico ao moral, totalizando-se em muitas dimensões e atingindo diversas camadas sociais” (DAMATTA, 1986).

Partindo dessas duas bases vou partir rumo a uma proposta de análise do objeto de estudo. Esclareço também que o propósito aqui não é uma análise literária. O desejo é escrever sobre as questões que envolvem a negritude, como um conceito, isto é, falar sobre uma obra que aborda a história de um personagem forte na história da cultura negra no Brasil. Por isso, como modelo de trabalho, foram sendo juntados materiais, leituras, sensações e pensamentos para compor o trabalho que agora toma forma como um discurso acadêmico. Na escrita que agora faço também reitero minhas necessidades de ser eu, de ser negra, de ter na minha história a minha negritude.

## O sonho da liberdade

O tempo da narrativa ocorre durante a madrugada e nas primeiras horas da manhã, abrangendo um período histórico: o da escravidão no Brasil colônia até os nossos dias. Logo de início, o livro menciona um fato presenciado por Damião, quando este já tinha oitenta anos e andava, em plena madrugada, nas ruas de São Luís. Ele aproxima-se da rua Grande e entra em um botequim para comprar fósforos para acender um cigarro, mas se depara com dois corpos

ensanguentados no chão. Um era do dono do botequim e o outro, de um homem negro, bem vestido. No capítulo seguinte, a história passa a ser contada em outro tempo, quando Damião tinha oito anos. A narrativa que se segue é construída com base na interpretação do texto e na reprodução que faço da história que li.

Damião e sua família eram escravos do Dr. Lustosa, o dono da Fazenda Bela Vista, que sempre castigava os seus escravos de forma terrível. Certo dia, ele fala em vender Damião, e seu pai, Julião decide arriscar uma fuga. A família de Damião e outros negros fogem e formam um quilombo no meio da mata. Um dia, no meio da noite, Julião lhe diz que:

Home nenhum tem direito de fazer outro home seu escravo, só porque nasceu branco e o outro preto. Quarquer um nasce e morre do mesmo jeito. A doença que dá no preto, dá no branco. A vida é iguar pra todo mundo (Montello, 2005, p.32)<sup>1</sup>.

O autor busca retratar, através das características de Julião, um homem forte e inconformado com a sua situação e de sua família e através do personagem, o autor registra os tormentos sofridos pelos negros nos navios negreiros, o processo de tentar destruir a identidade começava dentro do próprio navio:

[...] lembrava os horrores que ouvira de outros negros, inclusive de seu pai, sobre a longa viagem da África para São Luís, meses a fio no mesmo espaço do porão imundo. Eram trezentos pretos, às vezes mais, no mesmo vão exíguo (MONTELLO, 2005, p. 342).

Muitos negros que chegaram, mesmo aqueles que tinham uma posição social mais elevada em sua terra de origem, tornaram-se meros escravos, mera mercadoria. O Julião, era uma prova disso: “Ele sabia que vinha de estirpe ilustre, quase toda dizimada na longa viagem do lerdo navio negreiro que o trouxera da África para o Maranhão...” p.30

À noite festejavam e dançavam com seus batuques improvisados. Viviam uma vida longe do tormento que era na fazenda. Lá no quilombo Damião conhece o Barão, um negro inteligente que passa a lhe ensinar a ler e a escrever.

A nova vida dura pouco tempo, pois foram traídos por outro negro, o Samuel. O quilombo foi invadido por soldados e foi totalmente destruído. Alguns negros morreram. A família de Damião e outros negros foram obrigados a seguir a pé durante o caminho até a fazenda Bela Vista. Neste dia Damião perde seu pai. O sonho da liberdade havia ficado para trás. Durante esse percurso foram afligidos duramente pela fome, sede e pelo pavor que sentiam imaginando os castigos que iriam receber. Tentei imaginar a angústia e o desespero que sentiam cada vez que se aproximavam da fazenda. Tentavam imaginar qual seria o tipo de tortura que os aguardavam. Quem os ajudaria? Não havia saída. Tinham que passar por aquilo. É possível entender porque tantos negros tiravam a própria vida. Viver havia se tornado um fardo pesado demais para carregar. Após a chegada na fazenda e de sucessivos castigos, como ter a mão dilacerada pela palmatória do Dr. Lustosa e de ir para o tronco, a vida seguia o seu curso. Um dia todos na fazenda só falavam sobre a chegada de um bispo de São Luís que iria se hospedar na casa grande. Damião, que ainda não sabia, avistou no chão um pedaço de jornal onde falava sobre a chegada de um bispo cujo propósito era escolher jovens para educá-los para padres no seminário episcopal de Santo Antônio em São Luís. Com essa notícia, ele enxerga uma luz no fim do túnel, um possível fim para o seu martírio. Padre negro? Seria possível? Se perguntava. Durante muito tempo essa ideia não saía de sua cabeça pois queria ser livre, sentia aflição pela liberdade.

Após a chegada do bispo na fazenda, a vida dos escravos teve um leve alívio. O tronco fora removido do lugar, os castigos suspensos, “mas se aprontar, apanha depois” ameaçava o Dr. Lustosa, balançando o único braço que tinha. Damião passava os dias e as noites pensando em como iria conseguir conversar com o Bispo. E como iria convencê-lo que tinha vocação para padre. Uma noite tomou coragem e entrou na casa grande, bateu na porta do quarto do bispo e conversou

<sup>1</sup> Todas as citações do romance referem-se a MONTELLO, Josué. Os tambores de São Luís. 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2005. Daqui em diante serão acompanhadas apenas pelo número da página.

com ele. Havia decorado algumas partes da bíblia, o que deixou o reverendo impressionado, tanto que ficou de conversar com o Dr. Lustosa. Ao sair do quarto do bispo, Nhá Biló, para desgraça sua, o viu sair e o segurou para que se deitasse com ela. Como este relatou e saiu correndo ela gritou por seu nome. No dia seguinte, no auge de sua loucura, ela disse que Damião havia se deitado com ela na noite anterior e em outras vezes também e que a engravidara. Pobre Damião. Não sabia o que estava por vir.

A fúria tomou conta do Dr. Lustosa. Mesmo negando que nada fizera com Nhá Biló, sentia mais do que nunca, na própria pele, que para o branco, negro além de não ter dignidade, não tinha palavra. Nada valia a não ser a mão de obra forçada. O pavor tomou conta de Damião, afinal de contas, foi acusado injustamente de haver deflorado a filha do demônio. Durante os próximos dias ficou confinado na cafua, um lugar pequeno, retangular, sem ventilação, coberto de zinco e que fazia um calor insuportável, onde somente não morreu de sede porque depois de três dias, um escravo conseguiu encontrar uma pequena brecha no local onde através do talo de mamoeiro, dava água para Damião. E quando conseguia, abria um buraco por baixo da porta da cafua e passava algo para ele pudesse comer. A cafua era lugar de sofrimento, fome, sede, angústia e solidão. Estava extremamente magro e fraco quando foi libertado do local. Foi uma surpresa quando todos na fazenda souberam que estava vivo, afinal de contas, escravo nenhum conseguiu sair vivo daquele lugar. Mas Damião, conforme o próprio Dr. Lustosa dizia, “era um preto arrogante que não baixava a vista diante do seu senhor”. Um negro forte que não se conformava com a condição de escravo. Dr. Lustosa não aguentou saber que a filha estava grávida de um negro e morreu.

Sinhá Velha, a mãe do falecido Dr. Lustosa mandara chamar a Damião e lhe avisa que ele será entregue para o Bispo juntamente com uma carta. Durante esse trecho do livro, o autor volta a parte em que Damião, já velho, encontra no botequim um homem assassinado e impressiona-se com a brutalidade do crime.

Chico Bonifácio é então encarregado de deixar Damião com o Bispo. Ao entregar a carta, fica sabendo que sua liberdade dependeria de trezentas ave marias rezadas pela alma do Dr. Lustosa. Indignado, porém disfarçando, concordou. Afinal de contas, não tinha escolha. Damião experimentava um novo tempo em sua vida. Não havia mais a senzala nem o tronco. A crueldades vividas na fazenda Bela Vista haviam sido deixados para trás, embora ainda carregasse no corpo magro o sinal das torturas, as marcas da intolerância.

## A luta contra o preconceito

A vida por um momento parecia ter sido generosa com Damião quando conheceu o Padre Policarpo ou Padre Tracajá no Convento de Santo Antônio, apelido pejorativo e racista que recebeu assim que entrou para o sacerdócio. Um padre que conhecera muito bem o preconceito da sociedade de São Luís. Era Padre, porém mestiço e a igreja e a sociedade local sabiam muito bem conciliar o sentimento cristão com o preconceito. Padre Policarpo se afeiçoara a Damião desde que o conheceu e este finalmente se sentia protegido, sabia que podia confiar nele. Sempre procurava ajudar o padre em tudo e, de vez em quando ganhava alguns trocados, não pensava duas vezes, ia até a Travessa da Fé, e ali comprava as cocadas da Genoveva Pia. Uma ex-escrava, doceira e generosa que não media esforços para ajudar outros negros.

Padre Policarpo consegue inscrever Damião nas aulas do seminário e este, mesmo sentindo a repulsa dos outros seminaristas, passa a frequentar as aulas. Mas só quando acompanhou Dom Manuel em uma missa é que pode constatar o quanto a igreja era racista. “A igreja já chegou na senzala”, ouvia dizer. Como se Deus fosse monopólio dos brancos. Durante a época da escravidão, a igreja católica nunca se preocupou com a opressão vivida pelos negros, jamais se manifestou em uma ação libertadora, pelo contrário, era conveniente com a escravidão. Tal atitude tornavam os negros cada vez subjugados em relação aos brancos. Infelizmente, Damião foi impedido de se tornar padre. Sua ordenação seria um escândalo para a sociedade e vai então morar com Genoveva Pia.

Um dia, ao andar no largo de Santiago, é guiado pelo som dos tambores até a casa grande das minas, um lugar onde os negros, alguns já libertos, outros não, se reuniam, tocavam tambores, dançavam, experimentando um momento mágico de liberdade. Ao som dos tambores eram livres. As mulheres rodopiavam com seus largos vestidos brancos, colares no pescoço e o sorriso

extravagante. Pela primeira vez Damião experimentava a sensação física de que pisava em chão africano e ali seu corpo obedecia ao som frenético dos tambores em uma sensação inexplicável, jamais vivida antes.

A morte do Padre Policarpo trouxe muito sofrimento para Damião, afinal de contas, depois que saiu da fazenda o Padre se tornou sua família. Considerava-o como seu pai. Chegou à conclusão de que agora estava só e que tinha que romper, ele próprio, o seu caminho. Como o passar do tempo, Damião passa a dar aulas de latim no Liceu Maranhense e se casa com Aparecida, a filha do Padre Policarpo e com ela teve três filhos. Um deles, anos depois, decide ir para Liverpool. Damião nunca conseguiu esquecer Benigna, uma negra bonita e faceira, com andar gracioso e que encantava a todos os homens. Nesse tempo ele começa a ficar conhecido em São Luís.

A coragem e determinação de Genoveva Pia fazia com que ela se destacasse entre os negros até que em uma madrugada, onde havia combinado com alguns escravos de coloca-los em um barco para leva-los para longe da opressão de seus senhores, descobre que caiu em uma armadilha. Foi quando alguns guardas cercaram a ela e aos escravos. Alguns morreram e outros foram presos. Genoveva Pia foi brutalmente açoitada, morrendo de forma covarde e cruel. O rosto ficara totalmente desfigurado e em seu corpo podia-se ver o sinal do chicote em seu peito. Damião, ao saber do caso, é tomado pela revolta. Na classe onde ensinava latim, disse, emocionado:

A escravidão é um abuso: o homem não pode explorar o homem, mantendo outros homens cativos, só porque estes têm a pele negra. A maldição da cor é uma falsidade e uma estupidez. A circunstância de ter nascido com esta pele não exclui a minha condição de homem: sou um ser humano, como vocês; tenho uma alma, tenho a consciência de meus direitos e deveres, e também o sentimento de minha dignidade e de minha honra. O cativo é um crime, e crime que se pratica para com outros homens. Não há nada que justifique a escravidão. (MONTELLO, 2005, p.372).

Depois de algum tempo, Damião reencontra o Barão, o negro inteligente e esperto, que havia ensinado Damião a ler e escrever ainda no quilombo. Tinha um senso crítico bem aguçado e a firme convicção de que o cativo no Brasil terminaria através do relacionamento na cama, dizendo que tinha um jeito próprio de combater a escravidão:

Sempre que posso papo uma branca, mesmo feia e deixo um filho na barriga dela; devo ter feito com a força de meu birro, mais de duzentos mulatos e mulatas, que andam por aí [...] se cruzaram com brancos e brancas, e os mestiços que daí nasceram são quase brancos como os brancos de olho azul (MONTELLO, 2005, p.428).

Damião vivera isso em sua própria família, quando sua neta mais velha se casou com um mulato; sua bisneta com um branco, tendo seu trineto “moreninho clarinho, bem brasileiro” (p. 608), como ele mesmo afirma.

No ano de 1888, a Princesa Isabel declara livre todos os escravos e Damião se alegra com a grande vitória. Porém, logo após a abolição os problemas começam a aparecer. O novo sistema, o qual viviam não eliminou o antigo, pelo contrário, fortaleceu-o ainda mais, fazendo com que a classe dominante aumentasse ainda mais a sua dominação. Os escravos estavam sendo libertos e largados a própria sorte. Diante desta realidade, Damião se desespera, pois sabe que o problema agora é outro.

Vagam pela Praia Grande dormindo na orla do cais ou no interior dos barcos que ali pernoitam, e vivem disputando entre si, por ínfimo preço, todo e qualquer trabalho. Outros já estão juntando lixo na rua para comer os restos ali deixados. Não há ponta na cidade em que eles não estejam, seminus, maltrapilhos, cheirando mal, de olhos encovados, e já na iminência de cometerem desatinos (p.580).

Os negros estão livres, mas sem emprego, sem moradia, sem comida, sem direito a ter direitos. A nação que recebeu o maior número de negros durante a escravidão nunca se preocupou

em fornecer-lhes condições de trabalho ou de sobrevivência. Saíram das fazendas sem nada, somente com a liberdade, como se com isso eles não fossem precisar de mais nada. Como se a abolição fosse um benefício imerecido ou um favor prestado.

Além de fazer parte da formação do povo brasileiro, os negros povoaram, transmitiram sua cultura, deixaram sua marca na formação da identidade na nação brasileira com herança africana, construindo um país diversificado racial e culturalmente. Mesmo assim, o negro até os dias de hoje, ainda luta para ser reconhecido em uma sociedade preconceituosa que possui a mesma mentalidade das pessoas da época do período colonial: consideram os negros incapazes. Mesmo tendo uma participação relevante na construção da sociedade brasileira, ainda vivem, na prática, sem direitos iguais. Tal situação, comprova o quanto a cultura racista ainda continua impregnada em nossa nação.

Já no final do livro, o autor volta ao início, quando Damião no entardecer de num dia de domingo, estava lendo em sua casa, ouve alguém bater palmas e quando olha, deixa o livro cair de tão emocionado: era Benigna, o grande amor de sua vida que passou a fazer parte de sua velhice. Após um certo tempo juntos, ela chega em casa e comenta sobre um crime no qual morreram duas pessoas: O dono de um botequim e de um negro de meia idade que acabara de chegar de Liverpool para ver o pai. Damião lembra-se do filho e fica parado em estado de choque. Não acreditava que, em plena velhice, aquela tragédia estava acontecendo em sua vida.

## Discussão

O livro “Os tambores de São Luís”, é uma história de protagonismo da memória negra cuja discriminação racial continua bem presente até os dias de hoje. Através da leitura do livro, pode-se ter uma percepção de interpretação social entre o homem e suas relações sociais e culturais tendo como característica principal o preconceito.

Mesmo sendo o último país no mundo a abolir a escravidão, não houve preocupação com a situação dos negros, não receberam nenhuma indenização, terra para cultivar e criar seus filhos, nem escola de educação primária, ou seja, foram totalmente libertos e esquecidos.

Situações de racismo e exclusão social ainda são bastante visíveis em nossa sociedade, podendo facilmente traçar um paralelo com a situação de racismo vivida hoje com a de antigamente. Por exemplo, no filme *Doze anos de escravidão*, Solomon Northup, um homem livre, violinista, filho de ex-escravos, um respeitado pai de família, foi enganado, levado para o sul dos Estados Unidos e vendido como escravo. Benedict Cumberbatch, um senhor de escravos compra Solomon e logo este se destaca devido sua inteligência. A personalidade de Benedict é bem complexa, já que não é torturador como os outros senhores e em algumas cenas chega até a tratá-lo de forma mais amena, porém não deixa de considerá-lo uma mercadoria.

Ambos até possuem uma boa comunicação, mas não deixa de ser uma relação de poder, de senhor e escravo. O racismo de Cumberbatch é bem parecido com o de atualmente, quem é racista não declara que é e até diz que possui amigos negros. Trata-se de um preconceito disfarçado como o da grande parte das pessoas. Não gostam de ser chamados de negros, são morenos. Como se ser chamado de negro fosse uma ofensa. É impressionante a frieza, a liberalidade e a naturalidade com que os senhores brancos enxergavam o sofrimento dos escravos. A indiferença diante da tortura chega a ser assustadora, por exemplo, a Sinhá olha, da varanda, o escravo ser torturado, pendurado em uma corda e é como se nada visse.

A história de Solomon, de Damião e de tantos outros escravos, embora em lugares diferentes, perpassam pelo mesmo nível de indiferença. Esse detalhe, por assim dizer, da indiferença gera também um tipo de preconceito. Aqui no Brasil, como explica Munanga (2016) o racismo tem essa característica. Os racistas não admitem o racismo. Esse filme mostra, como de outra forma mostra o livro de Josué Montello, que os escravos eram para os senhores apenas e tão somente força de trabalho. Não eram considerados como pessoas, com subjetividade.

Quando Solomon passa a expressar sentimentos de raiva e revolta, principalmente diante do sofrimento da escrava Patsey nas mãos de seu senhor, vemos como a violação do corpo causava também repulsa e essa sensação também mutilava os/as escravos/as. Nessa parte do filme pode-se observar claramente o sofrimento da mulher negra naquela época, a qual era estuprada constantemente, pelo senhor, seu dono e dono da plantação na qual ela trabalhava.

Assim, como em *Os tambores de São Luís*, as personagens mulheres desempenham papel fundamental na trama, no desenrolar da narrativa. Nesse filme, o estupro feito por um homem que em seguida reunia os escravos e ia ler a bíblia, mostra como se tratavam os negros/negras no sul dos Estados Unidos. Uma cena forte é quando a esposa, branca, do senhor de escravos bate na cara da escrava com uma garrafa, como se a culpa pelo estupro fosse da vítima. Essa cena lembra em muito a violência que sofrera a Genoveva Pia de Donana Jansen.

Cada detalhe do filme representa a realidade o mais fielmente possível, retratando a mentalidade escravagista e anti-humana onde a lei e o costume validavam (porém não justificavam) as crueldades praticadas.

No filme *Django Livre*, cujo nome do filme é o mesmo que o da personagem principal, é um escravo que tem seu destino mudado quando é comprado pelo Dr. King Schultz, alemão, caçador de recompensas. Durante a longa jornada de Django, é possível ver sua transformação de escravo submisso, assustado e compassivo em um homem seguro, frio e que algumas vezes choca a sociedade, como por exemplo anda montado a cavalo nas pequenas vilas. Isso demonstra o quanto era significativa a inferioridade social a que os escravos estavam submetidos. Quando questionado sobre seu nome, ele soletra claramente deixando visível o fato de ser alfabetizado.

O filme aborda de forma interessante os anos finais da escravidão no sul dos Estados Unidos centrando na crueldade infligida aos escravos. No filme, Calvin Candie, personagem vivido pelo ator Leonardo Di Caprio, afirma que o formato e o tamanho do cérebro determinam que o branco é superior ao negro. Tal afirmação serviu como pretexto para justificar a intolerância racial e o próprio tráfico negreiro. A perversidade do homem branco contra o negro é exposta de forma explícita e sem nenhum pudor. Afinal, esse é um filme dirigido por Tarantino.

Com esse filme eu percebi que a crueldade daquilo que eu li em *Os tambores de São Luís* poderia ser visto em cenas, com direito a detalhes mórbidos. Assim como a personagem Samuel, do livro, era um negro que traía os demais negros, no filme havia também um negro que delatava os demais: Stephen. A história da escravidão nos Estados Unidos é apenas um emblema daquilo que eu desejava saber: a construção do racismo lá é bem diferente da construção do racismo brasileiro. Todavia, as práticas, as crueldades, os fundamentos e as lógicas da escravidão guardam algumas semelhanças.

Há uma cena em que cães devoram um escravo que tentara fugir. Esse evento fora feito sob os olhos de Django, que não esboça nenhuma reação. Sua missão era procurar sua esposa que estava na fazenda de Calvin Candie. Sua busca é feita como se fosse a única coisa com a qual se importava e sabendo disso, a personagem de Candie vai torturar todos os negros dos quais é dono como que para atingir Django.

Essa crueldade marca também a história contada no filme *Quilombo*. O filme retrata uma história importante na formação do povo brasileiro. Com uma narrativa muito ligada ao contexto político dos anos 1980, o filme conta a história do maior líder negro da História do Brasil, Zumbi. Vendo esse filme, me dei conta de como a escola mantém uma narrativa que esconde os negros, a luta dos negros, a estética, a arte, a filosofia dos negros dos currículos. No filme é nítida a sensação de que a narrativa elencada é atualíssima, embora conte uma história dos primórdios da colonização brasileira, o ano é 1630.

Há um paralelo desse filme com uma explicação de Munanga (2016): “O brasileiro gostaria de ser considerado como europeu, como ocidental. Isso está claro no sistema de educação”. Para este autor, nosso modelo de educação é baseado numa educação eurocêntrica. A escola é o lugar onde se formam as pessoas, onde se ensina uma profissão. Nessa escola, frisa Munanga (2016): “a história que é ensinada é a história da Europa, dos gregos e dos romanos. No entanto, quem são os brasileiros? Os brasileiros não são só descendentes de gregos e romanos, de anglo-saxões e de europeus. São descendentes de africanos também, de índios, e descendentes de árabes, de judeus e até de ciganos”.

No livro de Roberto Damatta (1986), *O que faz o Brasil Brasil*, o autor demonstra como os negros ainda são associados coisas ruins. Esse traço da sociedade brasileira, de relegar ao negro um lugar subalterno ainda é a tônica do preconceito racial entre nós. Mesmo que a diversidade da cultura trazida pelos negros enriqueceu nosso país e em virtude disso somos uma mistura de crenças, raças, cor e costumes, porém, a discriminação e o preconceito de que foram vítimas

manifestam-se até os dias atuais. Recentemente, a atriz Thaíz Araújo e a jornalista Maria Júlia Coutinho, foram vítimas de preconceito racial. Se duas funcionárias da Rede Globo, foram vítimas de racismo, o que dirá da mulher que mora na periferia? Que é negra, pobre e na maioria das vezes, sem nenhuma formação.

Por isso não é forçoso dizer, que essa mesma Rede Globo tem em seus quadros um diretor de jornalismo chamado Ali Kamel que escreveu um livro chamado Não somos racistas. Esse é mais um caso típico de nossa brasilidade: negar o racismo e sofrer suas consequências. Mesmo que estas duas pessoas públicas trabalhem ambas na Rede Globo, elas não são as representantes dos padrões nem de beleza nem de inteligência. Aqui volto mais uma vez ao percurso de Damião quando ele faz um discurso em defesa da causa dos negros e é demitido do colégio onde era professor. O espaço que os negros ocupam nos postos de trabalho, seja na escola ou nas outras ocupações, ainda é um espaço mediado pela técnica, isto é, caso eles tenham as credenciais que o cargo exige, podem ocupar os cargos, em todo caso, não podem falar em defesa de suas causas, de seu povo.

Para terminar essa discussão, é preciso dizer também sobre o papel da Rede Globo na subalternização da mulher negra naquela chamada de carnaval: *Globeleza*. Como diz Jarid Arraes (2015): “sempre que a vinheta carnavalesca da Globo é exibida na televisão, o Brasil reafirma sua herança racista e misógina. Ainda mais preocupante é que poucos parecem se incomodar com o racismo explícito. É possível até ouvir posicionamentos moralistas, de pessoas que repudiam o quadro por seu conteúdo de nudez, mas dificilmente denunciarão a problemática racial e os prejuízos que a Globo vem causando às mulheres negras todos os anos”.

O grupo de RAP Racionais MC's, através da música Negro Drama, trazem uma reflexão crítica sobre o sucesso alcançado pelo grupo ao longo dos anos, em um país onde os negros são vítimas de exclusão socioeconômica. O trecho da música que diz: *Você deve tá pensando / O que você tem a ver com isso? / Desde o início / Por ouro e prata*, é uma afirmação de que a exclusão racial e social já permeia a cultura brasileira historicamente. Na música, é possível observar os caminhos que sobram para o negro no Brasil, como o crime, o futebol e a música, os dois últimos com grande exigência de talento, caso contrário, esse jovem correrá o risco de constar nas estatísticas do crime. Trata-se de uma manifestação que nos mostra uma história que o Brasil se negou a contar.

## Considerações finais

Mesmo sendo o último país no mundo a abolir a escravidão, não houve preocupação com a situação dos negros, não receberam nenhuma indenização, terra para cultivar e criar seus filhos, nem escola de educação primária, ou seja, foram totalmente libertos e esquecidos.

O que vivemos no Brasil não é uma democracia racial. Democracia significa igualdade de direitos e oportunidades. Vivemos sim, mesmo depois de cento e vinte oitos anos de abolição, uma tolerância racial, já que o negro é duplamente discriminado: por sua situação econômica e por sua cor de pele. A democracia racial torna-se um argumento para disfarçar os mecanismos de exploração e de subordinação do outro. Assim como na cidade de São Luís, durante o período colonial e após a abolição, o racismo continua intrínseco entre os brasileiros. A existência do preconceito pode não ser tão evidente para alguns, mas ele não deixa de existir.

A história de Solomon, de Damião e de tantos outros escravos, embora em lugares diferentes, perpassam pelo mesmo nível de indiferença. Esse detalhe, por assim dizer, da indiferença gera também um tipo de preconceito. Aqui no Brasil, como explica Munanga (2016) o racismo tem essa característica. Os racistas não admitem o racismo. Esse filme mostra, como de outra forma mostra o livro de Josué Montello, que os escravos eram para os senhores apenas e tão somente força de trabalho. Não eram considerados como pessoas, com subjetividade.

Nas últimas décadas, observa-se que os negros estão buscando se inserir mais na sociedade, exigindo seus direitos e participando em sua transformação, seja culturalmente, politicamente e socialmente. Nessa ótica, os movimentos negros possuem extrema importância, uma vez que sua luta contra a discriminação racial e pelo reconhecimento e valorização da cultura Afro-brasileira é manifestado de forma notória e atuante.

Observando a obra de Josué Montello e o filme Doze anos de escravidão pode-se entender o quanto a nossa sociedade é hipócrita e racista, uma vez que é e não admite. Até os próprios negros e afro descendentes, a maioria, negam suas raízes e etnia e fazendo isso estão negando a própria

história e colaborando para a propagação do preconceito já que somente podemos lutar contra algo quando temos consciência que existe.

Através deste texto pode-se concluir que o professor educador, formador de conceitos, tem em suas mãos a capacidade de mudar essa situação. Após tantos anos de abolição, a luta pelo fim do preconceito e da segregação racial deve ser constante e, aliada à educação, pode tornar-se um mecanismo bastante eficiente para ser utilizado contra o preconceito racial com um tratamento diferenciado objetivando corrigir as injustiças criadas e mantidas por uma estrutura social excludente e discriminatória.

## Referências

ARRAES, Jarid. (2015). Racismo a gente vê na Globo. Texto disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2015/01/15/>>, acesso em 15 de junho de 2017.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: ROCCO,1986.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís: a saga do negro brasileiro.** 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MUNANGA, Kabengele. **Mito da democracia racial faz parte da educação do brasileiro.** (2016) Texto disponível em: <<http://www.geledes.org.br/mito-da-democracia-racial-faz-parte-da-educacao-do-brasileiro-diz-antropologo-congoles-kabengele-munanga/#gs.DqzcfBM>>, acesso em 15 de junho de 2017.

MC's. Racionais. "Negro Drama". CD **Nada como um dia após o outro.** Cosa Nostra Fonográfica, 2001.

DJANGO LIVRE. Direção: Quentin Tarantino. EUA. Columbia Pictures.2012

DOZE ANOS DE ESCRAVIDÃO. Direção: Steve Mcqueen. EUA. Walt Disney Pictures. 2013.

QUILOMBO. Direção: Carlos Diegues. Brasil. Augusto Arraes.1984.

Recebido em 10 de julho de 2017.

Aceito em 9 de novembro de 2017.